

Corimbo: mulher e educação

Hilda Agnes Hübner Floresⁱ 

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

1

Resumo

Este artigo estuda a Mulher e sua Educação através de leitura de *Corimbo*, jornal que por 60 anos circulou na cidade portuária de Rio Grande, sob propriedade e direção de duas mulheres. O *Corimbo* disponibilizou aos leitores desde ocorrências triviais a fatos importantes como: abolição, mudança de regime político, guerra civil e guerras mundiais, mão de obra tombada, Feminismo, Positivismo, o binômio Educação & Instrução à luz de conceitos oriundos da França. No Brasil o Positivismo se estendeu ao estado do Rio Grande do Sul e ao Rio de Janeiro militar, na década de 1980 e início da República, sob doutrinação do positivista radical de Júlio Prates de Castilhos.

Palavras-chave: Instrução. Educação. Imprensa. Feminismo. Positivismo.

Corimbo: woman and education

Abstract

This article studies Women and their Education through reading *Corimbo*, a newspaper that for 60 years circulated in the port city of Rio Grande, under the ownership and direction of two women. *Corimbo* made available to readers from trivial occurrences to important facts such as: abolition, change of political regime, civil war and world wars, fallen labor, Feminism, Positivism, the binomial Education & Instruction in the light of concepts from France. In Brazil, Positivism extended to the state of Rio Grande do Sul and to military Rio de Janeiro, in the 1980s and the beginning of the Republic, under the indoctrination of the radical positivist of Júlio Prates de Castilhos.

Keywords: Instruction. Education. Press. Feminism. Positivism.

1 Introdução

O Diário de Porto Alegre, de 1827, foi o primeiro jornal da Província de S. Pedro do Rio Grande, hoje Estado do Rio Grande do Sul. A imprensa rapidamente se agigantou para quase meia centena de pequenos periódicos a discutirem sobre Liberalismo desde o



advento da longa Guerra Civil dos Farrapos (1835-45). Avançando no tempo, na cidade de Rio Grande nasceu o jornal Corimbo, informativo social e longevo (1883-1944), propriedade e direção de Revocata de Melo e Julieta de Melo Monteiro – irmãs jornalistas que lhe deram vitalidade por 60 anos, com abrangência internacional.

O Corimbo testemunhou fatos expressivos de nossa História, da queda da Monarquia à implantação da República sob auspícios do Positivismo oriundo da França e aqui expandido por empenho de Júlio Prates de Castilhos, político radical que assumiu o poder com a missão de o Estado “manter a ordem social para alcançar o progresso.” A Mulher recebeu atenção especial. Inserida no binômio “Educação & Instrução”, devia educar a prole de maneira diferenciada: filhos para tarefas externas, e meninas para “portas-a-dentro”, aprendiz das Prendas Domésticas, como futura “Rainha do Lar”, administrando a domesticidade, em tudo submissa ao mantenedor.

2

2 Metodologia

Para pesquisar o tema “Educação & Instrução” tive acesso ao jornal Corimbo, na Biblioteca de Rio Grande. Jornal informativo e sociocultural, registrou fatos importantes para estudo do Feminismo, informes correlatos à História de Gênero, em processo acelerado na busca dos direitos da mulher, inalienáveis, mas sempre postergados.

O binômio “Educação & Instrução”, mudou de significado ao longo dos 60 anos, período de transição de impactos do Corimbo com o Liberalismo, o Positivismo e o Socialismo, além da queda da Monarquia e implantação da República. O Corimbo apoiou a União Operária, em suas greves, fundação de escolas e atividades sociais.

Face à riqueza de informações sociais e políticas, selecionei o que reporta à Educação e Instrução, preocupação também das redatoras do jornal que acumularam com o magistério em sua escola particular de primeiras letras, funcionando no turno vespertino.

3 Resultados e discussão





Na nova conjuntura positivista que Auguste Comte propunha, a mulher, “*Guardiã da Moral*”, devia permanecer no recinto do lar, protegida de perigos externos. Isto porque ela se orienta pelos sentimentos, ao contrário do homem, que age pela razão. Esse enfoque moralista agradou, e fez com que a doutrina messiânica do Positivismo se firmasse no Rio Grande do Sul; no Rio de Janeiro cativou a classe militar.

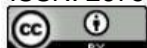
No Rio Grande do Sul, quando Castilhos assumiu o governo, em 1893, pretendeu de imediato iniciar o processo de industrialização, em busca do progresso para o estado. Mas esbarrou ante a realidade de 70% de analfabetismo, gente da qual não podia dispor para trabalhos de fábrica. Decidido, apelou para a mulher que há uma década guindara a “*Rainha do Lar.*” Delegava-lhe agora a responsabilidade de transformar analfabetos em operários, orientação baseada no Catecismo Positivista: “*As mulheres e os operários (...) não podem nem devem converter-se em doutores, e nem eles querem*” (COMTE, 1973, p. 134).

A proposta castilhista de colocar a mulher no magistério alfabetizador mudou a estrutura social. Acostumada a ver a mulher na proteção do lar contra apregoadas paixões mundanas, mas que, naquele momento histórico, estava sendo convocada a deixar os filhos no lar e enfrentar o mundo externo como alfabetizadora. Como toda inovação se opõe ao antigo, a proposta castilhista causou desagrado generalizado. Pretexto para as diversas Revoltas que logo ocorreriam no estado sulino?

As redatoras

Revocata e Julieta eram jovens integrantes de família de projeção cultural. Havia o exemplo da tia poetisa Amália dos Passos Figueiroa e, principalmente, do avô Manoel dos Passos Figueiroa, jornalista português e proprietário dos jornais farroupilhas *Correio da Liberdade* e *Idade de Ouro*, além de tipografia própria – todos em Porto Alegre.

Revocata Heloisa de Melo (1853-1944), imagem 1, foi redatora do *Diário de Pelotas*, e Julieta de Melo Monteiro, imagem 2, trabalhou na redação da revista *Violeta* (1878-79) antes de se agregar à irmã, que em 1883 fundara o *Corimbo*. Dedicaram-se ambas ao semanário, levando-o a alçar voos de projeção internacional. Literatas de vasta



produção, colaboraram em obras coletivas, escreveram poesias, crônica e romance, com especial atenção à dramaturgia, a par do magistério na escola vespertina e do jornal Corimbo. Em conjunto, Revocata e Julieta publicaram os dramas: *Coração de mãe*/1893 e 1911 (encenado em Porto Alegre), *Berilos*/1911 (encenado em Rio Grande) e *Mário*. Ambas colaboraram no *Almanaque Literário e Estatístico do RS*/1902, em *Pátria Ilustrada* de Bueno Aires, no *Almanaque de Senhoras* de Lisboa, e em *La Fonde* de Paris (jornal feminista, com foto e biografia de Revocata).

Figura 1 Revocata Heloisa de Melo



Figura 2 Julieta de Melo Monteiro



Fonte: BONILHA, Caroline Leal. *Corymbo: memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul*. UFPEL, 2010)

Espalhando sua produção, Revocata colaborou no *Estímulo* de Caxias, *A Cidade* de Rio Grande, *Escrínio* de Bagé, *O Combatente* de S. Maria; *O Contemporâneo* e *A Pátria* de Porto Alegre, e na revista *Atenéia* da Academia Literária Feminina RS, que as homenageou como Patronas. Solo, Revocata publicou: *Folhas errantes*/1882 (poesia) e *Grinalda de noiva* (drama).



Julieta de Melo Monteiro (1858-1928), viúva do poeta e jornalista português Francisco Guilherme Monteiro, como feminista ativa presidiu a União de Classes Femininas no Brasil e foi Sócia Honorária da Legião da Mulher Brasileira, RJ. Colaborou no *Almanaque Popular Brasileiro/1897*, em *A Tribuna do Povo*, *Interrogação*, *Tribuna e Kosmos* de Montevideu, *Progresso Literário e Estatístico RS*, *A Mensageira* de S. Paulo; *Jornal das Moças* do RJ, *Interrogação*, *Tribuna do Povo*. Solo publicou: *Prelúdios/1881* (poesia), *Oscilantes/1891* (sonetos), *Alma e coração/1898* (contos), *Tabernáculo* (versos), *Noivado no céu* e *O segredo de Marcial* - drama encenado em Rio Grande. *Terra sáfara* é publicação *in Memoriam*, que Revocata imprimiu e distribuiu entre os amigos. (FLORES, 2011, 464 e 482).

O *Corimbo* nasceu a 21.10.1883, na cidade de Rio Grande, RS. Pouco se sabe dele até jun./1885, quando consta do acervo na Biblioteca de Rio Grande. Circulou em formatos diversos: tamanho jornal, meio jornal, revista semanal, quinzenal ou mensal, refletindo as dificuldades e obstáculos em caminho. Encerrou como bimensal dado a limitações inerentes à idade avançada da redatora Revocata Heloísa de Melo, reconhecida como Grande Dama, membro da Maçonaria que recebeu coluna própria no *Corimbo*, e que, por ocasião do enterro, prestou-lhe homenagem especial.

Circulando de out./1885 a jan./1944, o *Corimbo* ultrapassou fronteiras, viveu grandes momentos da História pátria, acolheu noticioso dos países do Prata, e alguns da Europa, como a Itália. De Portugal procediam os laços lusitanos que Revocata cultivou parêlo à Maçonaria.

Época castilhista

Júlio de Castilhos (1860-1903) em 1881 concluiu a Faculdade de Direito de S. Paulo, donde retornou defensor radical da Doutrina Positivista de Augusto Comte. A Banca de Advocacia que abriu em Porto Alegre, em breve virou escritório político. Como líder, recebia oferta de cargos políticos, que ele habilmente repassava à pessoa de sua confiança: em 1883, Venâncio Aires passou a Diretor do jornal *A Federação*; no Congresso do Partido Republicano, em 1885, canalizou para Ramiro Barcelos a





presidência do Partido; expurgou republicanos históricos e orientou o Partido Republicano para órgão oficial do Positivismo.

Em 1893, na eleição para governo do estado, usou do Partido Republicano fortificado para, em eleição de voto aberto e contagem de votos pelo Partido Republicano, obter votação necessária. Acusado de fraude eleitoral, intensificou expansionismo positivista, convocando família e sociedade para a “nova era de paz e progresso.”

Era seu desejo iniciar de imediato a projetada industrialização do estado, que desviaria da acusação de fraude. Inviabilizou, a realidade de 70% de analfabetos, gente com quem Castilhos não podia contar. Então, assim como na década de 1880 guindou a mulher à “Rainha do lar”, delegou-lhe agora a tarefa de transformar analfabetos em operários de fábrica – mudança ligada diretamente à alfabetização. Devia, pois, a “rainha do lar” distanciar-se da prole para ensinar a crianças e adultos escolares. Causou desagrado o fato de não respeito a valores estruturais da sociedade.

O positivismo determinou o “santo destino” da mulher como “Guardiã da Moral”. Responsável pela Educação, orientava o filho homem para trabalhos de mantenedor e de defesa da pátria; a filha aprendia as Prendas Domésticas, para futuro governo da casa, subserviente ao pai e depois ao marido, responsável pela administração e arranjo da casa. Era alfabetizada o necessário para ler – e aplicar – o Manual de Medicina Doméstica.

Esse retorno à domesticidade foi um duro golpe na caminhada intelectual do Feminismo em andamento, lento mas progressivo, desde os tempos farroupilhas, quando haviam sido reconhecidos o direito ao estudo e o direito a um trabalho remunerado. Faltava efetivar. Foram as maiores reivindicadoras feministas a bióloga paulista Bertha Lutz, que lutou pelo voto feminino, e a jornalista intelectual Andradina de Andrade e Oliveira, que apresentou sua apelação com o livro *Divórcio?*

As meninas que podiam estudar para ler o Manual de Medicina, aos poucos viam surgir novos estabelecimentos de ensino. Hábitos foram mudando, agregando novos valores aos vocábulos Educação & Instrução. Mães receberam veemente apelo para alfabetizar, preparando operários de indústria. Na outra ponta, com recursos geridos, aos





poucos foram se abrindo estabelecimentos de ensino. Na década de 1940 Faculdades abrem à frequência de mulheres: Serviço Social, Enfermagem, Sociologia, História...

A Educação¹ era afeita à mãe, que preparava o menino para mantenedor da família, enquanto a menina aprendia as “Prendas Domésticas”, com início de alfabetização para leitura do Manual de Medicina Doméstica, que lhe cabia aplicar. Como “Guardiã da Moral” cabia à mulher aprender sobre o Doutrinário do Positivismo, conhecendo e se orientando para as virtudes da domesticidade, próprias do sexo feminino.

A Instrução era tarefa de Professora como Revocata e Julieta, que em Rio Grande mantinham aula vespertina de primeiras letras, da qual pouco se sabe. Não recordo ter visto promoção no jornal Corimbo, como costumavam ser anunciadas as “aulas” de professoras particulares. Certa feita, Julieta adoeceu tendo de se acamar, quando externou uma observação um tanto acre, refletindo cansaço e desencanto, porque os alunos, de livros e mochila nas mãos, “*só aparecem para saber quando começam as aulas*”, sem interesse pelo estado de saúde da professora.

Revocata traduz no conservadorismo lusitano, sua condução pedagógica. No artigo “A educação” ela vê a criança submissa ao adulto: liberdade só à medida que cresce e se desenvolve. Era necessário advogar a causa com talento e êxito, como faziam algumas advogadas no Rio de Janeiro. Precisava valorizar hierarquicamente o professor, “*a quem cabe conciliar a liberdade do discípulo com a necessidade de submetê-lo, de constrangê-lo à obediência às suas ordens*” (CORIMBO, fev./1929).

Artigo de uma colaboradora anônima, em out./1886, apogeu do Positivismo, vê a instrução como tempestade revolucionária que derrota privilégios egoísticos “*(...) ilumina as míseras choupanas dos infelizes e muda-lhes a condição*”.

Entre as poucas intelectuais que ousaram reagir ao governo radical de Castilhos, está a rio-pardense *Ana Aurora do Amaral Lisboa*. Formada no Escola Normal de Porto Alegre, em 1881, arrebatou Nota Máxima com Láureas. Professora tão competente e

¹ Para ler mais sobre assuntos no campo da educação, sugerimos: CARVALHO, 2019; ARAÚJO; SOARES, 2019; CAXILE, 2019; SILVA et. al., 2019; COSTA; SILVA; SOUZA, 2019; BRANDENBURG; PEREIRA; FIALHO, 2019; SANTOS; GIASSON, 2019; SOUSA; FERNANDES, 2019; FERREIRA NETO; SILVA, 2019; MACIEL, et. al., 2019; FIALHO et. al., 2019.





inflamada quanto inconformada com a situação do magistério, mal pago e obrigado a adotar a filosofia positivista. Ana Aurora e familiares sofreram a perseguição inclemente de Castilhos a seus opositores: “*Aos amigos, tudo; aos inimigos, o rigor da lei.*” Autora de inovações metodológicas, Ana Aurora detalha uma delas:

8

[...] ao anunciar aos meus alunos que o dia seguinte é feriado por ser uma data nacional, narro-lhes o fato que essa data comemora, procurando fazer-lhes compreender a glória que aos brasileiros advém de tal fato, e dou-lhes muitas vezes este assunto para exercício de redação ou de composição (FLORES, 1994, p. 140).

Seus irmãos, envolvidos na Revolução Federalista, foram trazidos a pé até Rio Pardo, onde, humilhados, os aprisionaram, enquanto Ana foi removida para a distante Vila Rica (terra berço de Castilhos). Em carta ao Presidente do estado, Ana Aurora contestou o cunho político de sua remoção, pediu exoneração do magistério estadual conquistado por concurso, e com as irmãs Zamira e Carlota abriu o Colégio Amaral Lisboa, que se tornou famoso em Rio Pardo. Em diversos artigos do *Corimbo*, Ana projeta seu perfil de educadora. Para a “Grande Mestra”, como se tornou conhecida, a escola

é o laboratório onde se opera a transformação do cérebro inconsciente em cérebro pensante. Em “A Escola e as criancinhas” escreveu: Entre os (...) mais grandiosos espetáculos que é dado apreciar no mundo moral, nenhum se compara com o de uma escola primária cheia de crianças, ainda pequenas, entregues todas aos trabalhos escolares, agindo, não ao impulso do medo, mas espontaneamente pelo desejo de aprender (CORIMBO, 20.5.1905).

Tendo por meta *cultivar as Letras, as Ciências e a Luz*, as redatoras do Corimbo procuravam manter neutralidade ante acontecimentos históricos envolventes. A abolição da escravatura foi acolhida como um ato humanitário, louvada em versos e crônicas pelas dirigentes e colaboradores/as do Corimbo. Já a proclamação da República passou oficialmente despercebida por saudosistas da Realeza como Revocata e Julieta. A sangrenta “Revolução da degola”, de 1893-95, mereceu crônicas “neutras” de Julieta, como “Paz”; mas à morte de Castilhos, em 24.10.1903, seguiram duradouras manifestações de simpatia pelas lideranças revolucionárias tombadas, em escritos poéticos como “Os heróis” de Julieta.





Ana Aurora publicou dois livros importantes: em *Minha defesa* historia sua visão dos fatos que envolveram e humilharam sua família e a ameaça a sua vida, em carta anônima que recebeu. Identificado o autor, Ana partiu para a réplica. Erra o único tiro de sua arma, é acusada, defende-se em espaço cedido em jornal, sendo inocentada. Já *Preitos à liberdade*, seu segundo livro, reúne poemas de crítica mordaz a Castilhos e ao presidente Floriano Peixoto, em oposição à exaltação das lideranças Federalistas de 1893. Intelectual brilhante, a pertinácia de Ana Aurora ao longo de três décadas, alimentou o clima de belicosidade que levou à Revolução de 1923.

A I Guerra Mundial abatera toda a mão de obra, obrigando as mulheres do continente europeu a ocupar os lugares antes exclusivos dos homens, do trator ao plantio, do escritório à reconstrução – cujos efeitos de superação o Feminismo conheceu e endossou.

A luta pelo voto, importante aspecto do Feminismo, mereceu matéria favorável no Corimbo, entre 1918-28, quando transitavam projetos eleitorais no Congresso Nacional. Ausente do Corimbo ficou o livro *Divórcio?* de 1912, com grave sansão à autora, Andradina de Andrada de Oliveira, e também a Bertha Lutz com sua campanha acirrada a favor do voto feminino.

Em 1928 faleceu Julieta, e quando finalmente em 1932 o Presidente Vargas concedeu o voto, Revocata, inconsolável com a perda da companheira de três décadas de jornada, não se pronunciou; nem tão pouco em 1937, quando da implantação do Estado Novo que suprimiu o voto feminino e outros direitos já reconhecidos. A II Guerra Mundial encontrou Revocata idosa e enfermiça.

Usando o sistema de permuta, O Corimbo anunciava os jornais que chegavam. O somatório dessas remessas dá uma ideia da multiplicidade de periódicos, com sua importante missão informativa, naqueles tempos ainda sem internet e globalização, mas o correio fazia o imprescindível marketing. A título de curiosidade, relacionamos os jornais que o Corimbo acusa ter recebido entre julho a set./1885:

O Operário, O Brasileiro e Democracia de SP; *A Revista e O Correio* de Santos, SP; *A Gazeta de Taubaté*, SP; *A Folha Paulistana* (aboliconista); *O Século*, A





Violeta, O Povo, A Estação (jornal de modas) e *A Semana* do RJ; O Regenerador da BA; O Pitanguy de MG; O Rio Branco de Pirassununga; Diário de Bagé, O Porvir de Livramento, Gazeta do Norte de S. Maria, O Pharol de Cachoeira (do Sul), Discussão de Pelotas - todos do RS; O Campeão Lusitano; Mercantil; Athleta; O Ganganelli.

Ao longo dos anos quantificaram centenas de periódicos do país, de Montevideu, Buenos Aires, Lisboa e Itália, dimensionando a abrangência ao anunciar também muitos livros de autores nacionais e estrangeiros.

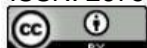
Trazemos aqui manifestações de colaboradores/as, para o Corimbo. Expressam valores que evoluem ao correr dos anos. Começamos por uma certa Marieta, que, conciliadora, em “A educação da mulher”, prega meio termo entre *a mulher boa dona de casa* e a mulher com *educação literária* (CORIMBO, jun./87).

*Ignez Sabino*², pernambucana radicada no Rio de Janeiro, intelectual de larga visão, abre espaço para considerações sobre a situação da mulher colocada “Na arena”, um espaço resultante das mudanças trazidas por Revolução, guerra, destruição, inflação e fome. Um novo papel que a mulher reivindicou e aos poucos estão lhe destinando, é estudar para desenvolver seu talento e ter acesso à imprensa. Consonante com a Doutrina do Positivismo de seu tempo, o saber dignifica e eleva a moral: “*A mulher que cultiva as letras, o belo, tem mais susceptibilidade, sente a alma mais propensa ao bem, tornando-se assim aliada da Moral, que ciciza ao ouvido a virtude, que eleva o amor, fazendo-a honesta pelo espírito*” (CORIMBO, 24 e 31.5.1896).

No mesmo ano, 1896, a colaboradora C. A. assume posição avançada ao considerar a educação intelectual da mulher como indeclinável obrigação social do estado, que atribui ao governo a obrigação de prover melhorias sociais. (CORIMBO, 26.7.1896).

Marinha Noronha, romancista, feminista, após férias estudando música na Europa, trabalhou em S. Maria e depois em Porto Alegre. Publicou vários livros. Conservadora, vê a mulher como “um barco solidamente construído”, virtuosa e forte, para resistir intacta às

² *Mulheres ilustres do Brasil*, de Ignez Sabino, foi reeditado pela Ed. Mulheres, Florianópolis, 1996. Ignez colaborou com o *Corimbo* de 1896-1911, ano em que faleceu. (Veja-se a respeito “Ignez Sabino”, in *Presença Literária/1997*, Porto Alegre: Nova Dimensão, 53-64; Flores: 2011, 648).





tempestades da vida e poder orientar os que a rodeiam. Para Marinha, o maior retorno a uma mulher são os filhos-bons-cidadãos que ela formou (CORIMBO, 1º.11.1905).

Turmalina, de Santos, em 6.4.1907 aponta o avanço emancipacionista de algumas advogadas da Faculdade de Pernambuco. Cita Myrthes de Campos, carioca e feminista que estudou a contragosto da família e lutou oito anos pelo registro de seu Diploma na Corte de Apelação do Distrito Federal. Mulher pioneira a advogar no Brasil, em 1906, como membro da OAB, teve absolvido o réu – raridade que repercutiu na imprensa.

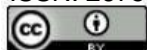
Maria Augusta Meira de Vasconcelos Freire sustentou na imprensa polêmica emancipacionista. *Maria Bodin*, em “Solidariedade humana”, acusa a sociedade por não aceitar o trabalho da mulher, ensejando que ela resvale, às vezes por uma questão de fome, para a vida cortesã onde a perfídia humana a mantém cativa:

Elas (as cortesãs) são como nós, virgens e esposas, vítimas da triste situação em que a sociedade coloca a mulher, negando-lhe o direito de exercer um grande número de profissões, [fechando-lhe] os estabelecimentos científicos, institutos industriais, comerciais e outros... (CORIMBO, 01.7.1908).

Ana de Castro Osório, jornalista portuguesa, culta e ativista do Partido Republicano, com o esposo cônsul residiu em S. Paulo. Palestrante em Portugal e no Brasil, colaborou com o Corimbo entre 1922-35. Feminista, critica a ociosidade da mulher latina que, “na sua quase totalidade, acha-se muito bem na meia servidão em que vive, e que lhe dá a garantia de uma relativa ociosidade (...) preguiça da vontade e do pensamento” (CORIMBO, 25.2.1910; FLORES, 2011, p. 536).

Alvarenga Fonseca, em “A mulher na vida pública”, vê a necessidade de abertura do leque profissional feminino, pois, havendo muitas professoras, ínfima será sua remuneração... Pior que a situação profissional da professora, é a das donas de casa:

as profissões domésticas são positivamente miseráveis, pois costurando, cozinhando, lavando ou engomando, [a mulher] pouco mais conseguirá que o absolutamente indispensável para comer e não andar despida; talvez nem dê para pagar o teto... (CORIMBO, jan./1917).





José Oititica, notável anarquista e assíduo colaborador de Corimbo, em “O surto feminino”, aponta múltiplas barreiras impostas ao desenvolvimento da mulher:

Vem o padre e ameaça: não ouçais estes apelos, ide rezar à igreja, confessai-vos, não vos deixeis tentar de Satanás.

Vem o positivista e exorta: lugar da mulher é no lar, quer-se de mente pouca, submissa ao maridinho e ao sacerdote, muito recatada, muito vergonhosa, muito não me toques, lendo o catecismo e ensinando a filharada.

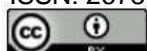
Vem a bisavó e arenga: moça que sai sozinha é sirigaita; de onde veio essa moda de agora, de mulher advogada? (CORIMBO, 30.4.1919).

Algumas operárias de fábricas de Rio Grande, exploradas, aderiram à greve geral de 1919, dentro da adesão setorial de operários e operárias, todas recriminadas. *Hermengarda* as defende: “a operária luta que nem homem, sofre as mesmas intempéries, os mesmos afanosos labores, as mesmas privações e, no entanto, é acrememente censurada quando toma lugar nas fileiras dos companheiros de lutas para reclamar pelos seus interesses” (CORIMBO, 15.6.1919).

Mariana Coelho foi educadora portuguesa desde 1892 radicada em Curitiba, onde dirigiu dois educandários femininos. Fundamenta seu artigo com dados estatísticos dos avanços feministas nos diferentes países do mundo. Porta-voz das propostas da “Escola Nova”, alerta que: “na ignorância, que aos homens convém manter por temor da concorrência, a mulher está fadada a ser escrava do marido ou de algum parente” (CORIMBO, “A fraternidade e a escola”, 31.7.1920, 15.8.1920 e 31.1.1923; FLORES, 2011, p. 183).

Em 24.9.1906 Revocata assemelha lideranças homenageadas em 1993 com os líderes farroupilhas, ambos sanguíneos, ambos receptores de homenagens. Saudosistas da Monarquia, as redatoras do *Corimbo* eram pessoas afetivas e sensíveis. A comediada Revocata de Melo confessa à amiga catarinense Delminda Silveira que foi noiva duas vezes, sem, no entanto, fluir para casamento (Carta do acervo de Zahidè Muzart. *In Memoriam*). Era dia de Finados. Julieta chora a perda de parentes falecidos em sucessivos poemas como neste final de soneto:

*Para mim é sempre dia de finados
Porque a minha alma dia e noite chora (...)
Quem tem, como eu, dormindo enregelados,*





*Mãe, pai, esposo, irmãos idolatrados,
Como não ter a morte na lembrança?! (CORIMBO, 2.11.1913)*

13

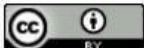
Sua própria morte, em 27.1.1928, desencadeou na irmã uma fase de tristeza e saudosismo à porta da depressão, com prejuízo para discussões mais abrangentes, que iluminavam o *Corimbo: A minha semana da Paixão não tem páscoa, é interminável*, escreve Revocata em fev./1929. Reúne as poesias esparsas da irmã em *Terra sáfara*, que espalha entre amigos. “Institucionaliza” seu sentimento de tristeza criando a coluna “De meu Diário de Dor”, onde despeja sentimentos doridos e repetitivos, pela perda de Julieta e mais ancestrais. Intensifica matéria sobre heróis tombados, culto positivista aos vultos cívicos: *os vivos serão sempre e cada vez mais governados pelos mortos*. Numa compensação expressa em religiosidade, reforça a “Coluna Maçônica”, criada na década de 1920.

Apesar das dificuldades de percurso, de erros e acertos, o *Corimbo* procura acompanhar os progressos pedagógicos de seu tempo. Em fev./1933 surge a primeira abordagem quando V. S., em “Aprender e ensinar”, reporta às dificuldades decorrentes da diversidade de 45 alunos em sala de aula, quando auxílio trivial como a curiosidade pode ser usado como recurso pedagógico na difícil tarefa de ensinar.

No mesmo ano de 1933, autor anônimo condena “A ortografia” portuguesa imposta por decreto, questão que, a seu ver, interessa somente à Academia Brasileira de Letras, não ao costumeiro leitor da imprensa.

Em dez./1935 o *Corimbo* reporta ao Círculo Brasileiro de Educação Sexual, presidido por Dr. José de Albuquerque, autor de *Educação sexual pelo rádio* e *Exame pré-nupcial* – dois temas de envergadura, face às novas concepções da problemática social pertinente à mulher.

Pela primeira vez o *Corimbo* faz referência à disciplina de História. N. Souza Pinto, em “O ensino da História” a apresenta como disciplina formadora, que introduz o aluno no mundo social e político, dentro da “Educação Moderna” que acusa o cinema como um dos modernos fatores da corrupção, pois *“permite que se ensine tudo às crianças, tanto o que é proveitoso como o que é nocivo”*.





Castro e Silva amplia questionamento: “O que é a inteligência humana?” (jan./1942). Já Glória Déa condena a máquina de escrever por não transmitir os sentimentos da alma como o faz a letra cursiva ao escrevermos uma carta... (CORIMBO, 21.10.1942).

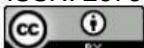
O Corimbo de nov./1943 constou por longos anos como o último exemplar do acervo da Biblioteca de Rio Grande – eis que, para surpresa geral, salta o Corimbo de jan./1944, este sim, o derradeiro, pois Revocata Heloisa de Melo faleceu no mês seguinte, a 23.2.1944.

Fiel aos valores da época que convenceu o belo sexo da conveniência de reduzir a idade, Revocata, vaidosa sempre, se mostrava fiel cumpridora dessa diretriz de boa convivência no casamento, pois deve a esposa ser uns cinco anos mais nova, para melhor assimilar as regras maritais impostas para bem gerenciar o cotidiano do casal. Porte elegante, em oposição as limitações etárias, o *Corimbo* tornara-se menos abrangente e menos inovador.

Em “*Alta lembrança de patriotismo*”, a primeira página do Corimbo é de láureas ao chefe federalista de 1893, Gumercindo Saraiva, Símbolo de Liberdade para um pequeno grupo de seguidores. Em “Desvanecedora homenagem” Revocata rende seu preito anual ao aniversário do *Corimbo* (21 de outubro). “Do meu Diário de Dor” é a catarse mensal da saudade, complementada com outro artigo, no qual relata sua visita de 2 de novembro ao túmulo de Julieta. Sua “Coluna Maçônica”, de proselitismo, na derradeira publicação, é assinada por Apolonia Juziella.

Em 1943, o Informe Literário de Corimbo destaca a fundação, em Porto Alegre, da Academia Literária Feminina RS. Formada por um pequeno grupo de mulheres cultas, que escolheu Julieta por patrona da Cadeira nº 2, e no ano seguinte, com o falecimento de Revocata, foi ela eleita para igual homenagem. Na dupla Homenagem, o mundo acadêmico reconhece a importante atuação das irmãs Melo no mundo das Letras, mantenedoras e dirigentes por 60 anos, desconhecendo-se qualquer quadro auxiliar de funcionários.

Laudações a Ângelo Dourado, por seu magistral *Voluntários do martírio* (1909), uma narrativa fantástica acerca de ocorrências dolorosas na coluna de Gumercindo Saraiva, que Dourado acompanhou como médico da sangrenta revolução de 1893-95.





Necrológico para a autora didática e dramaturga carioca Anália Franco (1909), e para o homeopata colaborador do Corimbo, Ferdinando Martino, que submeteu a noiva a um “original contrato de casamento”, um somatório de 24 itens de total dependência e submissão, como condição para o casamento...

Com o falecimento da nonagenária Revocata de Mello, em 18.2.1944, o *Corimbo* deixou de circular após seis décadas de informes e depoimentos que constituem documento histórico-literário de época, pois testemunhou toda sorte de acontecimentos que constituem o cotidiano de uma comunidade ou de um povo.

15

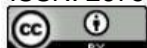
4 Considerações finais

O Feminismo, em evolução no avanço do século XIX ao XX, lutou por direitos sempre negados, ao longo da caminhada sexagenária do Corimbo. Presente nas fábricas, depois em greves e sindicatos, pela década de 1940, a mulher viu surgirem Faculdades de visual social (Serviço Social, Sociologia, História...) A Academia Literária Feminina RS, fundada em Porto Alegre a 8.4.1943, reuniu um pequeno grupo de mulheres cultas e dinâmicas, que reconheceram o mérito das duas jornalistas-vocacionadas, à testa de *Corimbo*, jornal sob única direção durante seus 60 anos de vida. Face ao importante papel a serviço das Letras e da História, foram ambas contempladas como Patronas de uma Cadeira acadêmica.

Referências

ARAÚJO, A.; SOARES, E. L. Identidade e relações étnico-raciais na formação escolar. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3628>. Acesso em: 06 out. 2020.

BONILHA, Caroline Leal. *Corymbo: memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul*. UFPEL, 2010).





BRANDENBURG, C.; PEREIRA, A.; FIALHO, L. Práticas reflexivas do professor reflexivo: experiências metodológicas entre duas docentes do ensino superior. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3527>. Acesso em: 06 out. 2020.

CARVALHO, S. O. Formação Docente e Práxis Pedagógica narrativa de uma professora. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3602>. Acesso em: 06 out. 2020.

CAXILE, C. R. Memória e representação: experiências e resistências numa manifestação cultural na cidade de Fortaleza. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3599>. Acesso em: 06 out. 2020.

COMTE, Augusto. Catecismo positivista. In Os Pensadores, S. Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 101-302.

COMTE, Augusto. Influência Feminina do Positivismo. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1945.

COSTA, M. A.; SILVA, F. M.; SOUZA, D. Parceria entre escola e família na formação integral da criança. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3476>. Acesso em: 06 out. 2020.

FERREIRA NETO, J.; SILVA, R. Mestre Chitãozinho e a formação dos capoeiristas no Projeto ABC do João XXIII. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3518>. Acesso em: 06 out. 2020.

FIALHO, L.; BRAGA JUNIOR, V. R.; MONTE, R.; BRANDENBURG, C. O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 2, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505>. Acesso em: 06 out. 2020.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. A sociedade castilhista e o Corimbo. In: A Era Castilhista. Círculo de Pesquisas Literárias – CIPEL, Porto Alegre: Plátano, 2009, p. 95-104.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Ana Aurora do Amaral Lisboa. In: Hilda Flores org. Vidas e Costumes. Círculo de Pesquisas Literárias – CIPEL, Porto Alegre: Nova Dimensão, 1994, p.142-154.





FLORES, Hilda Agnes Hübner. As mulheres porto-alegrenses. In: Porto Alegre em destaque. Org. Beatriz Dornelles. Porto Alegre. EdiPUCRS: 2004, p.127-146.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Corimbo & instrução. In: Presença Literária/1998. Rev. da Academia Literária Feminina RS. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998, p. 71-78.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Corimbo e educação. In: RS: Educação e sua história. Círculo de Pesquisas Literárias, CIPEL. Porto Alegre: Plátano, 1998, p. 43-52.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Corimbo e feminismo. Revista Continente Sul. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro. 1998, p. 245-258.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Dicionário de Mulheres. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. O Corimbo ao tempo de Borges. In: A era Borgista. Porto Alegre: Ediplat, 2010, p. 37-44.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Sabino, Ignez. In: Presença Literária/1997. Porto Alegre: Nova Dimensão: 1997, 53-62.

FLORES, Moacyr. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2019.

LINS, Ivan Monteiro de Barros. História do Positivismo no Brasil. Brasília: Ed. do Senado Federal, 2009.

MACIEL, J. A.; MACIEL, J.; MENDES, A.; SILVA, J. Dialogando sobre o tema jogos populares no ensino fundamental 1. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3506>. Acesso em: 06 out. 2020.

SABINO, Ignez. Mulheres ilustres do Brasil. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1996.

SANTOS, F.; GIASSON, F. Docência no Ensino Superior: formação, iniciação e desenvolvimento profissional docente. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3543>. Acesso em: 06 out. 2020.

SILVA, J.; LIMA, I.; PARENTES, M. D.; SILVA, L. Trajetórias formativas de licenciandos em matemática: percepções sobre constituir-se professor. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3478>. Acesso em: 06 out. 2020.





SOUSA, F. G.; FERNANDES, F. R. Análise de conteúdo de “As três Marias” e a instrução feminina cearense: práticas educativas, vigilância e transgressão. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3484>. Acesso em: 06 out. 2020.

ⁱ **Hilda Agnes Hübner Flores**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9084-9731>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Graduada em Filosofia e Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Professora aposentada – PUCRS autora de 23 livros publicados nas áreas de pesquisa da História de Gênero e de Estudos Imigratórios. Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - RS, à Academia Rio-Grandense de Letras, Academia Literária Feminina - RS e ao Círculo de Pesquisas Literárias.

Contribuição de autoria: Responsável pela pesquisa e escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2853654024974977>

E-mail: hilda@ihgrgs.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Especialista *ad hoc*: José Rogério Santana

Como citar este artigo (ABNT):

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Corimbo: mulher e educação. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 1, e313893, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i1.3893>

Recebido em 30 de agosto de 2020.
Aceito em 21 de outubro de 2020.
Publicado em 22 de outubro de 2020.

